

EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO SOBRE AS CAUSAS DO RISO E DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO¹

Catarina Paulino M'Bonde²

RESUMO

O artigo objetiva analisar a expressão oral em Língua Portuguesa na Guiné-Bissau, com vistas a desvendar as causas do riso e do preconceito linguístico. A partir desse objetivo geral, os objetivos específicos são assim delineados: 1. Situar o contexto sociolinguístico da Guiné-Bissau, enfatizando a complexa situação do multilinguismo em um país que mantém uma única língua oficial: a portuguesa; 2. Verificar a associação entre o riso e preconceito linguístico. 3. Entender mais profundamente as causas do riso. Nesse sentido, a pergunta deste artigo é: por que os estudantes riem dentro das salas de aula na Guiné-Bissau nos momentos de interação em Língua Portuguesa? A justificativa para a temática se dá pelo fato de que a pesquisadora é cidadã guineense e estudante do curso de Letras. Entretanto, quando ainda estava na educação básica, ela vivenciou diversos momentos em que o “erro” em língua portuguesa provocava momentos de riso nas salas de aulas. A fim de levar a cabo essa investigação sobre o riso e o preconceito linguístico, a metodologia apresentada neste estudo é de cunho bibliográfico, associado à realização de entrevistas com estudantes guineenses de cursos de graduação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB/ Campus dos Malês).

Palavras-chave: linguagens e línguas - variação; preconceito linguístico; sociolinguística; língua portuguesa - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

This study aims to analyze oral expression in the Portuguese language in Guinea-Bissau, with a view to uncovering the causes of laughter and linguistic prejudice. Based on this general objective, the specific objectives are outlined as follows: 1. To situate the sociolinguistic context of Guinea-Bissau, emphasizing the complex situation of multilingualism in a country that maintains a single official language: Portuguese; 2. To verify the association between laughter and linguistic prejudice; 3. To understand more deeply the causes of laughter. In this sense, the question that guided the research is: why do students laugh in classrooms in Guinea-Bissau during moments of interaction in Portuguese? The justification for the theme stems from the fact that the researcher is a Guinean citizen and a student of Letters. However, while still in basic education, she experienced several instances where errors in Portuguese provoked laughter in the classroom. In order to carry out this investigation into laughter and linguistic prejudice, the methodology presented in this study is bibliographic in nature, combined with interviews with Guinean students enrolled in undergraduate courses at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB/Campus dos Malês).

Keywords: languages and linguistic - variations; linguistic prejudice; sociolinguistics; Portuguese language - Guinea-Bissau.

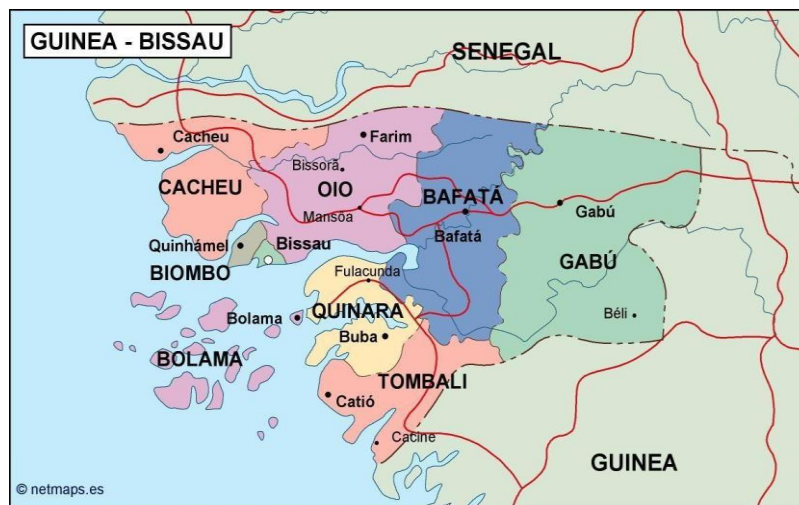
¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sabrina Garcia Rodrigues Balsalobre.

² Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país localizado na Costa ocidental da África. O país apresenta administrativamente 9 regiões, incluindo o Setor Autônomo, onde se encontra a sua capital, tal como representado pela figura 01, mas antes apresenta-se: Biombo, Oio, Cacheu, Quinara, Tombali, Bolama, Gabu, Bafatá e Setor Autônomo de Bissau.

Figura 1 - Mapa político de Guiné-Bissau



Fonte: Netmaps³

Partindo do pressuposto defendido por Amílcar Cabral (1951) de que a língua é um instrumento para relações entre homens socialmente, o presente artigo tem como foco principal a compreensão acerca do comportamento linguístico e do riso diante da expressão oral em língua portuguesa no ambiente escolar na Guiné-Bissau. Nesse contexto, este estudo objetiva analisar os motivos que levam ao riso durante momentos de expressão oral em Língua Portuguesa em contextos escolares. A partir disso, o foco recai nos seguintes objetivos específicos: **1.** situar o contexto sociolinguístico da Guiné-Bissau, enfatizando a complexa situação do multilinguismo em um país que mantém uma única língua oficial: a portuguesa; **2.** verificar a associação entre o riso e preconceito linguístico. **3.** entender mais profundamente as causas do riso.

É necessário reconhecer que esse tema surgiu através do meu comportamento no ensino básico, uma vez que eu costumava rir dos meus colegas que não sabiam pronunciar de

³ Mapa Político de Guiné-Bissau. Disponível em: <https://www.netmaps.net/digital-maps/guinea-bissau-political-map/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

forma correta algumas palavras, pelo fato de eles terem variedades linguísticas diferentes da reconhecida como padrão em Guiné-Bissau. Ao chegar à Unilab, após dois semestres letivos, comecei a perceber que o comportamento que eu tinha na educação básica era incorreto. Percebi também que não existe uma única forma de falar, ou seja, existem variações linguísticas. Tudo isso despertou uma vontade enorme em mim de pesquisar sobre o riso dentro de sala de aula.

Nesse sentido, considerando a proposta de fomentar possibilidades de minimizar o riso preconceituoso no processo de ensino e aprendizagem no contexto educacional na Guiné-Bissau, estruturamos a metodologia desta pesquisa a partir de três perspectivas: 1) bibliográfica: nessa fase, dedicamos-nos a ampliar os conhecimentos por meio do aprofundamento de leituras do referencial teórico escolhido, principalmente acerca da sociolinguística e das causas do riso; 2) empírica: por meio de entrevistas, estudantes guineenses foram ouvidos, a fim de se compreender as causas do riso motivado por variedades da língua portuguesa consideradas fora do padrão normativo; 3) análise e interpretação dos dados.

Com o propósito de conduzir o leitor aos resultados desta pesquisa científica, o presente artigo está organizado da seguinte forma: para além desta introdução, a segunda seção é dedicada a uma discussão teórica sobre as causas do riso. A segunda seção vai abordar sobre **a variação linguística e o riso**, além de propor um debate sobre **o riso e o poder**. Além disso, elencamos os procedimentos metodológicos que nos levam ao alcance dos resultados, descrevendo a forma como foi conduzida a composição da amostra e a condução das entrevistas. Por sua vez, na seção quatro, analisamos os questionários aplicados aos entrevistados, à luz da revisão da literatura. Por fim, seguem as considerações finais e as referências.

2 O QUE CAUSA O RISO?

Considerando a pergunta que intitula esta subseção, a proposta é situar teoricamente o riso e sua causalidade na sociedade. Dessa maneira, iniciamos nossa reflexão propondo o caráter dilemático do riso, isto é, ao mesmo tempo em que ele é considerado como uma prática social comum, a qual é praticada em momentos de diálogo e de descontração, o riso também assume uma forma pejorativa que usamos em determinados contextos. Assim sendo, é preciso compreender as diferenças de produção do riso dependendo do contexto social.

Além disso, há importantes diferenças que caracterizam socioculturalmente cada povo ao longo da história, as quais podem contribuir com o dilema em torno do riso. Nesse sentido, Dagoberto José Fonseca, em *Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à brasileira* (2012), assevera:

[...] o riso como expressão decorrente de práticas e discursos socioculturais de diversos grupos humanos, em diferentes épocas e sociedades. [...] o riso-ocidental, proveniente da piada, é fruto de elaborações desenvolvidas no seio da sociedade com o fim de dar visibilidade à discriminação, mas descontraindo o ambiente. [...]. (Fonseca, 2012, p. 17).

Fonseca (2012), em seu estudo, demonstra que o conceito do riso, ao passo que gera desconstrução, pode proporcionar discriminação, particularmente a quem é alvo da piada. Ao associar essa reflexão aos objetivos da presente pesquisa, percebemos que o riso pode provocar a timidez em contextos de sala de aula – não só, mas também na sociedade de modo geral. Ao rir, limita-se um estudante a participar em discussões de conteúdo na sala de aula juntos aos colegas, haja vista que "a sociedade discrimina alguns agentes sociais, principalmente aqueles que se isolam dela ou não se enquadram em sua estrutura ideológica. [...]" Bergson (1983, p. 100) afirma que "o riso tem por função intimidar humilhando." (Fonseca, 2012, p.23). Por isso, identificamos que o riso contra um estudante, no momento em que ocorre o ensino e aprendizagem, pode causar desconforto entre os estudantes ou colegas, que podem se sentir humilhados.

Ainda acerca do caráter dilemático do riso, Fonseca (2012) destaca que rir pode ser visto como uma maneira de liberdade de expressão. Entretanto, aí reside a grande contradição, porque, neste caso, estamos admitindo uma sutil margem entre liberdade de expressão e preconceito linguístico na expressão oral. Ao compreender este conceito o autor expõe sobre a recreação do riso como modo de se expressar, porém, de outra forma, compreendemos que do que se ri ou a maneira de rir pode determinar esse limite entre liberdade e preconceito. Sendo assim, o autor expressa como é o riso numa perspectiva analítica, portanto, percebe-se que alguém pode rir de alguma coisa errada ou certa. Conforme Fonseca (2012, p.23),

[...] o corpo humano expressa o riso quando aparenta algo ridicularizável. Porém, nem todos que têm um corpo disforme, estando fora do padrão esteticamente estabelecido pela sociedade, são passíveis de riso. Propp lembra que há homens cujo poder interior e força espiritual suplanta essa comicidade, impondo respeito a todos.

Para Fonseca (2012), há um padrão social que nos condiciona. Por isso, para rirmos,

admitimos um processo de superioridade ao alvo do riso. Desse modo, não rimos quando sentimos bondade e ternura, ou quando somos tomados por sentimentos de alteridade. Pelo contrário, em geral, rimos de alguém com o efeito de gerar exclusão social: "O ato de rir do outro sugere que o sujeito do riso tem relativa superioridade sobre o ser/objeto risível. Ele enfatiza o distanciamento identitário existente entre o suposto sujeito e o virtual objeto do riso. Esse ato desvela uma relação de alteridade e de desigualdade entre os diversos agentes sociais." (Fonseca, 2012, p. 23).

Ao se considerar que há uma estrutura de poder estabelecendo os objetos ou os sujeitos do riso, Fonseca (2012) entende que as questões raciais estão associadas à piada. Contudo, é perverso reconhecer que, por meio do riso, reforça-se o racismo, haja vista que não se cria um ambiente discursivo de confronto ou de tensão. Segundo o autor:

O riso proveniente da piada transforma-se na expressão privilegiada para as classes e os grupos sociais hegemônicos manifestarem, anunciarem ou denunciarem com jeitinho e sutileza a discriminação e a marginalização cotidianas sem, contudo, confrontar abertamente o discurso da democracia etnoracial e social. (Fonseca, 2012, p. 24).

Nessa mesma linha argumentativa, Adilson Moreira (2019) defende o conceito de **racismo recreativo**. Segundo o autor, em contextos racializados, "[...] o humor não seria outra coisa senão um sentimento de superioridade em função da percepção das circunstâncias humilhantes nas quais pessoas que consideramos inferiores se encontram" (Moreira, 2019, p.50). Desse modo, ele chama de "humor racista", pois é comum que pessoas brancas se sintam superiores a pessoas negras, direcionando a elas piadas ou outros tipos de comentários bem humorados, mas humilhantes:

[...] o humor também conta com uma dimensão emocional. Podemos dizer que o humor é uma emoção provocada por processos cognitivos que articulam informações responsáveis pela produção do efeito cômico. Ele pode servir como meio para as pessoas aliviarem tensões emocionais e também como forma de enfrentar adversidades, o humor decorre da comparação entre grupos sociais. O humor racista satisfaz a necessidade de diferenciação que pessoas brancas sentem em relação a indivíduos considerados inferiores (Moreira, 2019, p. 48-49).

Moreira (2019) apresenta detalhadamente, de forma muito simples, como ele usou a palavra humor. Ele associa a nossa postura social, por meio da qual tentamos humilhar os outros. Assim, "[...] o humor é produzido por meio de comparação a segmentos marginalizados. O efeito cômico de uma piada decorre da comparação de um indivíduo com membros de outras comunidades". (Moreira, 2019, p. 50). Essa situação é um reflexo da

estrutura social racializada, a qual opera em diferentes instâncias: “o humor expressa e consolida sentidos sociais que operam de forma similar em outros contextos da vida dos indivíduos. Os estereótipos negativos presentes em piadas racistas são os mesmos que impedem o acesso a oportunidades profissionais e acadêmicas” (Moreira, 2019, p. 56).

Associando o debate do racismo recreativo, a expressão oral em língua portuguesa, o autor destaca que o riso pode se manifestar em quaisquer situações em que o padrão pode ser ameaçado, como uma força repressora, a fim de manter o controle social. Para Moreira (2019, p.53) "a incongruidade que gera uma situação cômica pode então se manifestar de várias formas. Pode ser produto de falas e atos que apresentam algum tipo de inconsistência lógica, pelo uso de termos que violam normas gramaticais, [...]".

Nessa perspectiva, considerando que Guiné-Bissau é um país que experienciou a nociva colonização portuguesa até 1973, observa-se que a imposição da língua portuguesa foi também uma estratégia de controle utilizada pelos colonizadores. Após a independência, a língua portuguesa foi escolhida como a única oficial e, até hoje, o padrão linguístico associado à Portugal continua sendo prestigiado no país. Portanto, quanto mais a variedade linguística se distancia desse padrão de prestígio, mais recai sobre ela uma força repressora, por vezes, manifestada por meio do racismo recreativo.

2.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O RISO

Para contextualizar, em Guiné-Bissau, quem fala a língua portuguesa de forma semelhante ao sotaque português é considerado o mais inteligente. De forma proporcionalmente contrária, quanto mais a expressão em língua portuguesa se aproxima das línguas étnicas guineenses, mais o falante será alvo de preconceito linguístico. Essa prática continua operando em nossa sociedade pejorativamente. Como sabemos, não existe uma língua melhor do que outra, entretanto, a avaliação atribuída aos diferentes grupos sociais são associados à forma como se avaliam as expressões linguísticas. Assim sendo, aos portugueses – antigos colonizadores – é atribuído prestígio, em uma consequência direta da racialização imposta pela colonização. Portanto, o prestígio do grupo social é atribuído também à variedade linguística. Essa perspectiva pode ser corroborada pela seguinte afirmação de Bagno (2003):

A língua como uma "essência" não existe: o que existe são seres humanos que falam línguas. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela

é parte integrante. Se tivermos isso sempre em mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato "a língua" para um plano concreto - os falantes da língua. (Bagno, 2003, p. 18-19).

Para o autor, destaca-se a língua como uma construção social dos seres humanos e não apenas como uma ferramenta instrumental de cada sociedade em partilha. A língua é um contexto social que usamos como meio comunicativo, sendo usado para nos relacionarmos, portanto, partilhamos a nossa atividade por meio ou através das línguas que nos rodeiam socialmente. O autor compreende o contexto linguístico como primordial, de tal forma que, dependendo do contexto, a língua se manifesta de uma forma específica. Nesse sentido, a língua não é homogênea.

Partindo do pensamento de William Labov, Coelho (2015) explica que as línguas são mutáveis de acordo com os grupos sociais. Por essa razão, existe a variação linguística. A variação depende de sociedade, porque as línguas são mutáveis de acordo com os grupos sociais:

A grande responsável por essa propriedade das línguas é a variação. Numa língua, não existe apenas uma forma para cada significado. O que existe são variantes, um conjunto de opções do qual do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever (Coelho, 2015, p. 7).

Mas as línguas não variam de forma aleatória, o que ocasionaria falta de compreensão no momento da comunicação. Justamente, a previsibilidade na variação linguística é objeto de estudo da Sociolinguística:

As regularidades que encontramos na variação são o principal foco de interesse de uma área específica de estudos, que busca desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro da própria língua e fora dela, em seu contato com a sociedade. Essa área é a Sociolinguística (Coelho, 2015, p. 8).

Coelho (2015) propõe reflexões sobre a sociolinguística ao demonstrar que nas pesquisas sobre falas, busca-se compreender o comportamento dos indivíduos. William Labov é considerado o pai da teoria da variação e da mudança linguística, a qual dá origem à Sociolinguística. A sua teoria busca compreender o modo como a pessoa se comunica, respeitando a sua fala inserida em dada cultura e sociedade. Trata-se de um processo complexo que afeta vários níveis internos à língua, tal como explicado por Coelho (2015):

A variação ocorre em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico-lexical, discursivo), atestando a visão de língua como um sistema heterogêneo. E essa propriedade das línguas - a de que, afinal, não falamos

todos da mesma forma - que investigam os estudos sociolinguísticos,[...]. Para alguns, pode parecer óbvio que a variação (bem como a mudança nas línguas) conste no programa de investigações da Linguística.[...]. O surgimento de uma proposta de análise sistemática desses fenômenos representa, portanto, um importante marco no desenvolvimento da ciência linguística, e já nos trouxe valiosos conhecimentos acerca de como se comporta a variabilidade nas línguas. Esses conhecimentos, por sua vez, contribuem para o entendimento de questões como a do preconceito linguístico e para a construção de uma prática pedagógica consciente e reflexiva acerca dos usos linguísticos no ensino de língua materna (Coelho, 2015, p. 8).

A autora chama-nos à atenção para o fato de que a língua é muito complexa. Justamente a complexidade gerada pela variação linguística pode resultar em preconceito linguístico. Entretanto, essa visão homogeneizadora de língua é adotada pelas escolas nas práticas pedagógicas, legitimando o preconceito. Assim sendo, nas escolas, ensina-se uma única variedade linguística – aquelas praticadas por grupos economicamente ou culturalmente dominantes – desprezando como erradas todas as demais:

A variedade culta é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu status, comumente gozam de prestígio social, esse prestígio é transferido para a sua fala (Coelho, 2015, p. 15).

Estigmatizar uma língua é, igualmente, estigmatizar os seus falantes. No contexto de Guiné-Bissau em específico, chama-se de “língua” apenas a língua portuguesa, ao passo que o senso comum chama de “dialeto” todas as línguas étnicas do país e também a língua crioula guineense. Entende-se que essa prática também advém da ideologia, ou da política do colonialismo português. Entretanto, a Sociolinguística usa o termo dialeto tecnicamente como sinônimo de variedade linguística:

na sociolinguística variacionista, dialeto e falar são sinônimos de variedade. É importante observar que dialeto, aqui, não corresponde a uma variedade "inferior" ou estigmatizada de uma língua, mas sim - como é equivalente a variedade – ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional (Coelho, 2015, p. 15).

Ainda aprofundando as reflexões em torno das variedades estigmatizadas, Marcos Bagno (2003) defende que a noção de “erro linguístico” varia em função de quem comete esse suposto erro:

[...] o "erro" já se tornou uma regra na língua falada pelos cidadãos mais letrados, ele passa despercebido e já não provoca arrepios nem dores de ouvido muito embora contrarie as regras da gramática normativa, aquelas que, teoricamente, deveriam ser seguidas pelas pessoas "cultas", sobretudo quando escrevem textos que exigem mais

"cuidado"." "[...] há erros mais "errados" (ou mais "crassos") do que outros a escala de "crassidade" é inversamente proporcional à escala do prestígio social: quanto menos prestigiado socialmente é um indivíduo, quanto mais baixo ele estiver na pirâmide das classes sociais, mais erros (e erros mais "crassos") os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele. (Bagno, 2003, p. 27-28).

Novamente, a questão do preconceito linguístico não reside na língua e, sim, no grupo social estigmatizado socialmente. Essa visão de língua, reproduzida pela escola, é reducionista, uma vez que associa a língua apenas à gramática, desprezando cultura e contexto social:

Essa concepção tradicional opera com uma sucessão de reduções: primeiro, reduz "língua" à "norma (cult)"; em seguida, reduz esta "norma culta" à "gramática" [...] a uma gramática da frase isolada que despreza o texto em sua totalidade, as articulações-relações de cada frase com as demais, e o contexto extralinguístico em que o texto (falado ou escrito) ocorre, — gramática entendida como uma série de regras de funcionamento mecânico que devem ser seguidas à risca para dar um resultado perfeito e admissível. Essa concepção abstrata e reducionista de língua> norma> gramática é tão antiga que já se tornou parte integrante das crenças e superstições que circulam na sociedade (Bagno, 2003, p. 20-21).

Portanto, ao rirmos de variedades linguísticas estigmatizadas socialmente, em Guiné-Bissau, a lógica colonial de dominação se mantém. Infelizmente, esse cenário linguístico reducionista é reproduzido pela escola, a qual estimula o preconceito linguístico, ao invés de combatê-lo. Portanto, podemos observar que no contexto social mantém intacta a exploração e circulação dos seus projetos colonialistas, sobretudo a exploração que permanece e dominação por meio da língua.

2.2 O RISO E O PODER

Neste momento do trabalho, visa-se aprofundar as relações entre o riso e o poder. Para essa compreensão, são fundamentais as reflexões de Iago Gabriel de Oliveira Vieira e Murilo da Silva Neto sobre o riso e sua relação de poder com a linguagem (2018). Fundamentalmente, tal quais Fonseca (2012) e Moreira (2019), os autores defendem que o riso pode ser uma manifestação conservadora dos grupo sociais dominantes:

[...] o riso crítico e as relações de poder que são expostas por meio dele, sendo esse um instrumento que tem tendência a conservar as atitudes e costumes de determinado grupo social. Para compreender o riso foi discutido como ele se constrói, a forma em que ele se baseia no estranhamento e seus efeitos corretivos em sua expressão (Vieira; Neto, 2018, p. 69).

Conforme Vieira e Neto (2018), compreende-se que a língua expressa relações de poder que já existem na sociedade. Em função da hierarquia social, o riso pode demonstrar um aspecto pejorativo, ao diminuir o potencial das pessoas que se concentram num mesmo grupo social. Desse modo, tal como defendido por Bagno (2003), o estigma linguístico recai sobre os grupos sociais que desempenham menor prestígio social. Assim sendo, há uma relação direta entre o que causa o riso e as variações linguísticas estigmatizadas:

Para considerar esse movimento do riso foi escolhida a variação linguística para demonstrar a interação entre grupos e como o riso contribui no processo de influência da maioria política daqueles que possuem mais prestígio. O objetivo é relacionar como o riso é utilizado para controlar comportamentos sociais, em especial as atitudes referentes ao uso da linguagem/oralidade, que foge dos padrões socialmente construídos, apresentando as relações sociais que o cercam. [...]. (Vieira; Neto, 2018, p. 69).

Por se considerar o riso como um movimento entre grupo social, ocorre que justamente no contato entre variedades linguísticas diferentes, o riso manifesta-se como uma forma de manter o padrão dominante. Nas palavras dos autores, "o riso, frequentemente, aparece como um elemento da interação entre variantes diferentes, sendo que, eventualmente, uma delas vai exercer um poder de influência maior devido às condições propícias de certo contexto" (Vieira; Neto, 2018, p. 70).

O riso provocado pelos supostos "erros" cometidos por estudantes guineenses durante as atividades orais em língua portuguesa, de certa forma, é a manifestação do poder linguístico, mantendo a lógica colonial. Nesse sentido, ao rir de variações linguísticas diferentes do padrão europeu, ocorre o silenciamento da diversidade linguística e cultural na Guiné-Bissau. Portanto:

[...] o riso se torna um agente de conservação da ordem a partir do momento em que ele aciona o constrangimento no outro fazendo com que o mesmo se policie no âmbito social. [...] esse motivo ele tentará evitar tal comportamento por receio de um possível constrangimento, uma vez que o riso se torna um dispositivo que preserva a ordem de determinado meio social garantindo que a influência externa representada por uma minoria sofra um retardamento quanto à modificação da ordem que a maioria tem de costume, por sua realidade (Vieira; Neto, 2018, p. 74).

É evidente compreender que o riso é um momento que provoca o constrangimento nos indivíduos, sendo assim, é necessário que haja uma política estatal sobre o planejamento linguístico, sobretudo, criar uma política voltada à realidade pertencente ou local. Assim, permitiria que os indivíduos não sintam vergonha. Portanto, a ideologia linguística do português consiste em um dos obstáculos no processo de ensino e aprendizagem, sendo que

essa língua é a oficial, mas não é a maioritariamente falada – ao contrário, a língua portuguesa é uma das línguas menos faladas no contexto guineense.

No entanto, Dias (2021) nos permite compreender sobre as complexidades que a sociedade guineense enfrenta no cenário político sobre a sua oficialização no currículo educacional. Nesse sentido, ela coloca-nos uma problemática sobre a proibição do guineense em sala de aula. Em suma, essa proibição é uma forma de aniquilar a identidade cultural e linguística do guineense.

Para Ié (2025, p. 62), “a política linguística praticada na Guiné-Bissau é uma continuação da questão histórica desde a chegada do povo colonizador, é claro que a colonização deixou muitas marcas identitárias dos povos colonizados, referir-nos aos PALOP [...]”. Concordo, que de fato, a política pública na Guiné-Bissau, sobretudo, a política linguística continua a ser de alienação, ou seja, o estado da Guiné-Bissau promove a continuidade da colonização. Sendo assim, é necessário que o país adote uma política voltada ao currículo endógeno ou local.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para a realização da presente pesquisa, usamos as técnicas de estudo bibliográfico, associadas com a entrevista para compreender o objeto em causa. A metodologia bibliográfica que usamos refere-se à revisão da literatura, a qual nos permite reunir e analisar os materiais levantados para compreender a temática. Fundamentalmente, os livros e o artigo selecionados para compor essa revisão estiveram baseados nos seguintes conceitos: o riso, a relação entre o riso e o racismo, variação linguística e preconceito linguístico.

Ademais, usamos também a pesquisa empírica, a partir da qual realizamos contato com os nossos participantes oriundos de Guiné-Bissau. A pesquisa foi feita no Brasil, em São Francisco do Conde, Bahia, com estudantes guineenses da entrada 2025.2, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/ Campus dos Malês).

Foram entrevistados dois (02) estudantes de gênero feminino e dois (02) estudantes de gênero masculino, contabilizando quatro (04) participantes. Todos(as) são do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Entre os sujeitos entrevistados (02) pertencem ao grupo étnico Pepel, (01) Fula e (01) Mancanhe, com faixa etária entre 20 a 27 anos. Essas informações são sintetizadas por meio do quadro 01:

Quadro 1 - Informações sobre os(as) entrevistados(as)

Entrevistados (as)	Gênero	Idade	Grupo étnico	Escolaridade
E1	Feminino	20 anos	Pepel	Ensino Superior
E2	Feminino	22 anos	Mancanhe	Ensino Superior
E3	Masculino	21 anos	Pepel	Ensino Superior
E4	Masculino	27 anos	Fula	Ensino Superior

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse percurso, usamos a entrevista semi-estruturada, isto é, uma entrevista aberta, assim permitindo que os/as participantes sintam-se convidados(as) a responder. Foram selecionadas cinco (05) perguntas, as quais apresentamos a seguir:

1. De qual etnia você é?
2. Você já riu de algum colega na turma enquanto falava português? Se sim, por qual razão?
3. Alguém já riu de você enquanto falava português? Se sim, você pode nos contar o contexto em que essa situação aconteceu?
4. Por que as pessoas riem do jeito das outras falarem? Quais causas você acredita que motivam o riso?
5. O que você acha do jeito de falar das pessoas que são do interior do país?

A partir desse roteiro, as entrevistas foram conduzidas e gravadas em áudio a partir de um aparelho celular. Logo após, todas as entrevistas foram transcritas por meio de um site de inteligência artificial, cujo endereço eletrônico é: https://www.clipto.com/pt/transcribe-audio-video-to-text-free?msclkid=737e40416c931_8bdf18d2888d4d4249a. Com as transcrições, foi possível realizar as análises, as quais são demonstradas na seção 04.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES: AS CAUSAS DO RISO

Nesta última seção, analisam-se as entrevistas feitas, ou seja, as falas dos/das estudantes entrevistados. É importante salientar que as entrevistas foram feitas em língua portuguesa. Ademais, as pessoas selecionadas participaram de forma livre, isto é, demonstraram muito interesse em participar na pesquisa.

No contexto da Guiné-Bissau, que conta com vários grupos étnico-linguísticos, a língua portuguesa continua sendo um desafio para os guineenses. Os grupos étnicos possuem fortes conexões com a cultura e tradição local e a língua guineense mantém-se como a principal língua de comunicação do país. Nesse cenário, procuraremos compreender as causas do preconceito linguístico na Guiné-Bissau, a fim de contextualizar as causas do riso, por meio dos questionários elaborados na busca de compreender o objeto.

A primeira questão proposta aos entrevistados foi “Você já riu de algum colega na turma enquanto falava português? Se sim, por qual razão?”. Assim sendo, a entrevistada E1 declarou que já riu:

(E1) Sim. Eu rio, eu zombo das pessoas, quando eles ou elas falavam português de maneira mal, sim por tal razão vou citar exemplo de um colega que sempre, quando ele está falar, ele utiliza o verbo, ou sujeito onde não deve ser utilizado, posso até citar o exemplo, ele sempre diz assim, o meu mãe, logo compreendo que esse não deve ser utilizado porque as palavras não concorda.

Conforme visto, E1 assume que “zomba”, em função de julgamentos gramaticais, particularmente no que se refere à concordância de gênero. Sendo assim, o riso para ela traz uma prática preconceituosa nesse caso. De igual forma, os entrevistados E3 e E4 demonstraram que o riso era comum em sua educação básica:

(E3) Sim, eu ri várias vezes porque na minha sala havia muitas pessoas que não sabiam falar português não da forma perfeitamente, mas de forma mais adequada.

(E4) Sim, isso aconteceu por causa né é da influência da sua língua materna, ou as nossas línguas maternas que temos, é as diferentes etnias, é cada etnia tem a sua língua nativa. Portanto, essas línguas nativas influenciam muito na fala da pessoa. Quando a pessoa está a falar língua portuguesa, é dá para entender que essa pessoa é da tal etnia por causa do sotaque.

Como visto, E3 e E4 justificam as causas do riso em função da variação na forma de falar a língua portuguesa. Em geral, entende-se que é possível rir de quem “não sabe falar o português”, como se houvesse um padrão de “perfeição” a ser alcançado em sala de aula. A justificativa para não alcançar o ideal linguístico é apresentada por E4 em função da influências das línguas étnicas guineenses sobre a língua portuguesa. Entretanto, nem todo mundo adota essa postura. A entrevistada E2, por exemplo, declara: “Eu nunca, porque cada pessoa tem o seu jeito e de como aprende”.

Logo após essa pergunta, foi questionado: “Alguém já riu de você enquanto falava português? Se sim, você pode nos contar o contexto em que essa situação aconteceu? Desse

modo, para responder a essa segunda pergunta, a entrevistada E1 afirmou:

(E1) Sim, as pessoas riram de mim, porque no início, sempre eu falo português mal, as pessoas riram de mim, de acordo com palavras que eu falo que não concorda, posso até citar em contexto, é que eu falo assim de uma forma tão mal que eu vou citar um exemplo, de quando eu fico assim mal, as pessoas quando eu fico mal, e no mesmo momento as pessoas viam até a mim a fim de falar comigo, no momento eu fico mal, até que utilizo as palavras onde não deve ser utilizado, no contexto assim, posso até dizer, eu digo assim, ele bateu na menina, enquanto que a pessoa que ele bateu é menino.

Na pergunta anterior, E1 assumiu que ria de seus colegas de escola. Entretanto, ela também assumiu que riam dela e que isso a deixava “mal”. Tanto as razões que E1 ofereceu para rir dos colegas quanto para rirem dela estão centradas na gramática, particularmente em desvios referentes à concordância de gênero. Em consonância com E1, tanto E3 quanto E4 assumiram que pessoas já riram deles enquanto se expressavam oralmente em língua portuguesa:

(E3) Sim, alguém já se riu de mim, enquanto falava, e não dei de conta porque estava a falar bastante e acabei por cometer o erro sem dar de conta como.

(E4) Sim, que na verdade isso também aconteceu comigo. Por causa dos sotaques que eu tenho da minha língua materna, aconteceu várias vezes na escola. No lugar onde eu frequentava, porque sempre que houve aquela comparação, é quando eu frequentava o ensino médio, havia sempre essa comparação. Eu tinha dificuldade de pronunciar algumas palavras por causa do mínimo, da minha língua materna. E às vezes não me permite pronunciar certas palavras em língua portuguesa. E aí, alguns dos meus colegas riam assim desse jeito.

Para E3, o que motivava os colegas a rirem dele eram os “erros” linguísticos que cometia ao falar o português. Foi interessante perceber em sua fala que esses supostos erros cometidos aconteciam sem que ele percebesse. Por sua vez, novamente E4 justifica as causas dos risos dos colegas em função da influência de sua língua étnica ao falar o português. E4 é falante da língua fula. Historicamente, o grupo étnico fula tem sido alvo de preconceito linguístico ao falar a língua portuguesa, juntamente com o grupo étnico balanta. Isso foi demonstrado pelo pesquisador Alfa Silom dos Santos, em seu trabalho intitulado *Considerações sobre a percepção da língua portuguesa e o preconceito linguístico em Guiné-Bissau* (2019⁴). Nessa mesma perspectiva, ao terminar a entrevista, E4 faz um comentário

⁴ SANTOS, Alfa Silom. *Considerações sobre a percepção da Língua Portuguesa e o preconceito linguístico em Guiné-Bissau*. 2019. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jsui/handle/123456789/1697>. Acesso em: 18 nov. 2025.

espontâneo acerca da forma de expressão de pessoas da etnia fula: “(E4) *Na Guiné-Bissau, os fulas sofrem o preconceito quando se diz que eles nem sabem falar o guineense, mas fazem o esforço para poder falar o guineense*”.

Nesse sentido, ele acrescenta um ditado guineense que diz assim: “*fulas kata sibi papia kriol, ma e ta kuri pa bai papia purtuguis*”, que ao traduzir para a língua portuguesa fica: “fulas não sabem falar a língua guineense, mas eles fazem um esforço para poderem falar a língua portuguesa.

Novamente, a afirmação de que o riso ocorreu em sala de aula não foi unânime. A entrevistada E2 afirmou que “Ainda não, gosto de praticar o português. E acho que isso também me ajuda bastante.” Desse modo, segundo ela, nunca riram dela porque ela fala bem o português. De qualquer forma, é preciso refletir sobre o significado de “se falar bem o português”. Possivelmente, há um ideal colonizador por trás dessa argumentação, de tal forma que só não pode ser alvo de riso quem se aproxima do sotaque europeu.

Dando sequência à entrevista e visando aprofundar sobre as causas do riso, a próxima pergunta foi “Por que as pessoas riem do jeito de as outras falarem? Quais causas você acredita que motivam o riso?”. A entrevistada E1 novamente alicerçou suas reflexões sobre as causas de as pessoas usarem as risadas em função da gramática:

(E1) As pessoas riem de outras enquanto falam, por causa da fala deles ou conversas deles, as causas que motivam o riso, posso dizer palavras, posso dizer conjugação dos verbos, posso dizer também o sujeito, e o motivo dessas posso também citar é o intimidade, e também o posso dizer, sim fala, conversas, mas para dizer isso, posso também dizer é ensino que os nossos professores nos deram é isso.

Além de justificar o riso em função de questões gramaticais, E1 adiciona dois pontos interessantes sobre possíveis causas do riso: 1) ri-se de quem se tem intimidade. Desse modo, pelo fato de serem colegas que compartilham de uma mesma sala de aula, o riso se dá como parte da convivência. Ao se pensar em um conceito contemporâneo, entre colegas de uma mesma turma, pode ocorrer *bullying*, ou seja, um conjunto de violências psicológicas e simbólicas que ocorrem em contexto escolar e que causam danos aos estudantes que são alvo. Nesse sentido, nem sempre a intimidade é benéfica; 2) o ensino dado pelos professores aparece como uma justificativa. Possivelmente, E1 refere-se ao fato de que há exigência dos docentes sobre a forma de se falar a língua portuguesa, segundo um padrão gramatical. Portanto, para quem se afasta dessa exigência recai o riso. Por sua vez, a entrevistada E2 acrescenta outra justificativa: (E2) “*É por causa de sotaque.*”

Nesse caso, podemos compreender que ela traz uma reflexão de que o sotaque tem

influência quando a pessoa se comunica. Mesmo falando certo, as pessoas acabam rindo através dos sotaques de alguns indivíduos. Nessa mesma linha argumentativa, E3 e E4 afirmam:

(E3) É, de modo que as pessoas falam, pode ser, inclusive, sotaque dessas pessoas, ou se as pessoas estão a falar também de forma muito errada, e exagerada também. E acaba por levar o riso das outras pessoas.

(E4) Bom, nesse contexto as pessoas riram do jeito que os outros falam. Porque para eles é uma surpresa, ao ver uma pessoa que frequenta o ensino médio, a falar desse jeito. Até para não pronunciar as palavras assim mais ou menos, não do jeito que deve ser pronunciado. E também por causa dos sotaques, como já falei, quando, por exemplo, quando o balanta fala, dá para entender que ele é balanta, quando um fula fala também, através da pronúncia das palavras.

O sotaque proveniente do contato entre a língua portuguesa e as línguas étnicas da Guiné-Bissau é entendido como o principal motivador do riso. Novamente, observa-se que há uma influência do colonialismo justificando o riso. As pessoas tendem a associar o português como “correto”, “sem erros”, “sem problemas gramaticais” quando se aproxima do sotaque europeu ao se expressar em língua portuguesa. Portanto, traços de guineandade são motivadores do riso.

Por fim, uma última questão foi feita aos entrevistados: “O que você acha do jeito de falar das pessoas que são do interior do país?”. A resposta de E1 revelou uma postura negativa acerca da forma de falar do interior:

(E1) Eu acho, ou é muito mal, é muito raro, porque o interior do país, do meu país, que é Guiné-Bissau, as pessoas falam mal a português, de acordo com o ensino que eles receberam. Logo, podemos dizer a cidade que é Bissau, as pessoas falam raramente a português, e no interior, podemos dizer que é muito mal, porque a cidade é mais valorizado, em relação ao interior. Logo, se totalizam ou se fazemos a contagem, vamos notar que a fala das pessoas, como a língua português não chega, nenhum cinco por cento, posso citar um por cento, dois por cento das pessoas que falam português no interior do meu país.

E1, em sua resposta, reflete sobre a realidade sociolinguística de Guiné-Bissau. Se nem na capital a língua portuguesa é efetivamente praticada, isso ocorre em bem menor escala no interior do país. Desse modo, em sua análise, fala-se mal uma língua que não é efetivamente praticada. Por sua vez, E2 apresenta outro argumento, mas complementar a E1:

(E2) “No meu ponto de vista, é por causa da influência, da nossa língua materna. As pessoas são habituadas a falá-lo.”

E1 havia dito que a língua portuguesa efetivamente não é falada no país – a não ser em situação muito específicas, como durante o tempo escolar. Por sua vez, E2 acrescenta que, no

interior de Guiné-Bissau, as línguas predominantes são as “línguas maternas”, ou línguas étnicas guineenses. Desse modo, o cenário sociolinguístico plurilíngue é reforçado pelo entrevistado.

Nessa mesma direção argumentativa, E3 destaca que a influência das línguas maternas na forma de aprender o português torna o processo mais difícil para as pessoas do interior:

(E3) Do jeito que essas pessoas falam, normalmente, vê-se que, verifica-se bastante o sotaque na conversa dessas pessoas, devido ao lugar onde essas pessoas nasceram. O sotaque da sua etnia acaba por influenciar na qualquer língua que eles vão aprender. Diferentemente, das pessoas que estão no centro urbano.

Por sua vez, E4 reflete sobre o contexto escolar como o único de aprendizado da língua portuguesa como um fator de dificuldade para as pessoas que moram no interior do país. Ainda assim, ele afirma que não existe erro, mas “variação linguística”:

(E4) O jeito da fala das pessoas do interior do país, é não digo que não sabem falar, mas assim tem a dificuldade na fala da língua portuguesa. Como já falei atrás, por causa dessas línguas, vou ser assim tão específico. Por exemplo, na região de Boé, a minha região, tem um setor, por exemplo, Boé, concretamente tem pessoas que não sabem falar o crioulo, ainda que seja a língua nacional. Essa é mais fácil de aprender do que a língua portuguesa, porque essa aí você não aprende na sala de aula. Mas a língua portuguesa, você só aprende, é mais fácil aprender na sala de aula. Então, nesse contexto, a fala das pessoas do interior para o pessoal da capital, é um pouco estranha, mas que é normal que considere, não existe, erro numa fala, o que existe, sim, é a variação linguística, nesse contexto.

Nesta contextualização sobre as respostas dos participantes, com intuito de compreender o problema de riso no contexto escolar e social guineense, compreende-se que, de fato, o riso acontece em várias circunstâncias, como os/as participantes demonstraram satisfatoriamente, sobretudo o que acontece, principalmente, em suas experiências e desafios enfrentados através das práticas preconceituosas durante os seus percursos liceais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elaboração deste estudo, percebe-se a relevância do tema, possibilitando uma análise sobre o riso praticado durante a prática oral em língua portuguesa, em contextos educacionais, na sociedade guineense. A partir da análise dos depoimentos dos entrevistados, rir durante a fala dos colegas é muito comum, na mesma medida em que assumiram que colegas também riram deles. As principais causas dos riso residem na suposição do erro

linguístico, haja vista que há um padrão de língua portuguesa estimulado pela escola, o qual envolve um sotaque europeu. Nesse sentido, o erro está associado às influências das línguas étnicas guineenses. Portanto, o riso nesse contexto reflete ainda uma herança colonial.

Em suma, a pesquisa demonstra uma relevância notável no que diz respeito à colonização e ao preconceito linguístico durante as atividades realizadas nas escolas. Este estudo, por um lado, atua como um alerta para os acadêmicos guineenses sobre as reproduções da lógica colonial. Além disso, permite uma reflexão sobre a importância da oficialização do guineense no sistema de ensino da Guiné-Bissau. Em resumo, é fundamental solicitar aos líderes políticos que considerem nosso sistema educacional, possibilitando a oficialização do idioma guineense no currículo escolar. Conclui-se, portanto, que este estudo serve como um convite especial aos guineenses, para juntos construir uma educação que o povo guineense necessita.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- DIAS, Christiane da Silva et al. "*É proibido falar crioulo*": um relato etnográfico sobre colonialidade, ensino de língua e políticas linguísticas na Guiné-Bissau. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- FONSECA, José Dagoberto. *Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária. *Línguas & Letras*, v. 17, n. 35, 2016.
- IÉ, David. Políticas linguísticas na Guiné-Bissau: a presença e ausência de políticas linguísticas aplicadas ao âmbito da educação. In.: TIMBANE, Alexandre. RODRIGUES, Rosa. *Estudos linguísticos, literários e culturais da Guiné-Bissau*. Campinas: Pontes, 2025.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, v. 10, p. 37-45, 2007.
- LOPES, Ulilbaté Rui . *Crioulo versus português no ensino da Guiné-Bissau: o olhar do(a)s estudantes guineenses*. 2019. 21f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Sociologia, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 20, p. 9-16, 1991.

PAULO, Velamina Fernando. *Políticas linguísticas na Guiné-Bissau e o impacto para as línguas étnicas*. 2021. 19f. TCC - Curso de Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literatura, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2021.

SANTOS, Janete S. dos. Letramento, variação linguística e ensino de português. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 5, n. 1, p. 119-134, 2004.

VIEIRA, Iago Gabriel de Oliveira. NETO, Murilo da Silva. O riso e sua relação de poder com a linguagem. In.: *Grau Zero – Revista de Crítica Cultural*. v.6, n.2, 2018, p. 69-81.